

COMPORTAMENTO FONÉTICO-FONOLÓGICO DAS LATERAIS /λ, l/ NO FALAR PARAIBANO

PHONETIC-PHONOLOGICAL BEHAVIOR OF THE LATERALS /λ, l/ FROM PARAÍBA SPEAKING

Josenildo Barbosa Freire⁷²

RESUMO: Este trabalho analisa o uso sociolinguístico dos fonemas /λ, l/, este em posição de coda silábica, como em: /λ/ ~ [l, j, Ø] e /l/ ~ [w, ʎ, j, Ø]. As contribuições teórico-metodológicas que fundamentam a análise provêm da Sociolinguística de inspiração laboviana (LABOV, 1963, 1966, 2008[1972]). Para tanto, o *corpus* está igual e socialmente estratificado por sexo, faixa etária e nível de escolaridade, e com 36 informantes paraibanos, residentes e oriundos da comunidade de fala pesquisada. As ocorrências encontradas foram submetidas ao pacote de programas estatísticos Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Os primeiros resultados indicam que há um processo de variação sociolinguística na comunidade de fala pesquisada, condicionado por fatores de ordem linguística e social, tais como os contextos fonológicos (precedente e seguinte), a tonicidade, a classe do vocábulo e número de sílabas e o nível de escolaridade dos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Comunidade de fala. Laterais.

ABSTRACT: This work analyzes the sociolinguistic use of the phonemes /λ, l/, this in a position of syllable coda, as in: /λ/ ~ [l, j, Ø] e /l/ ~ [w, ʎ, j, Ø]. The theoretical-methodological contributions that base the analysis come from the Sociolinguistic of laboviana inspiration (LABOV, 1963, 1966, 2008 [1972]). For that, a *corpus* it is equally and socially stratified by sex, age and level of educational, and with 36 informant's paraiban, resident and from the community of speech studied. The occurrences found were submitted to the Goldvarb X statistical package (SANKOFF; TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). The first results indicate that there is a process of sociolinguistic variation in the community of speech studied, conditioned by linguistic and social factors, such as the phonological contexts (precedent and following), the tone, the class of the word and number of syllables and the level of educational of the speakers.

KEYWORDS: Variation. Speech community. Lateral.

1 Introdução

Os estudos sociolinguísticos ganharam significativo espaço na agenda linguística não só por evidenciar que variação e mudança linguísticas são propriedades inerentes das línguas, mas, também, por demonstrar que fatores (internos e/ou externos) operam sobre o condicionamento dos usos linguísticos.

Neste sentido, procuramos descrever e analisar o comportamento sociolinguístico de dois fonemas laterais do Português do Brasil (PB) /λ, l/, este em posição de coda silábica, à luz da Teoria da Variação (LABOV, 1963, 1966, 2008 [1972]), em uma comunidade de fala paraibana, e assim, identificar que fatores linguísticos (estruturais) e sociais (externos) condicionam o uso desses segmentos.

Para alcançar este objetivo, nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos aspectos do objeto de estudo; na segunda seção, descrevemos questões relacionadas à Teoria da Variação; na terceira seção, apresentamos o *corpus* e o caminho metodológico assumido nesta pesquisa; na quarta parte, descrevemos e analisamos os dados encontrados, e por fim, tem-se as considerações finais.

Na seção seguinte, apresentam-se aspectos do objeto de estudo.

⁷² Doutor em Linguística pela UFPB (Programa de Pós-Graduação em Linguística) e professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino (SEEC-RN). E-mail: josenildobfreire@hotmail.com

2 Objeto de estudo

Diversas pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que os fonemas laterais /λ, l/ estão sujeitos ao processo de variação linguística e, que esse fenômeno é condicionado por restrições tanto de ordem linguística (internos/estruturais) quanto por aquelas de natureza social (externos).

Sendo assim, não é nosso objetivo retomar a série de estudos que já descreveu e analisou o uso desses fonemas, a qual é bastante produtiva na literatura específica (OLIVEIRA; MOTA, 2007; ARAGÃO, 2008; SÁ, 2007; MOURA, 2009; dentre outros). Desse modo, retomaremos duas investigações sociolinguísticas já realizadas com os segmentos /λ, l/, as quais nos forneceram pistas e indícios da dimensão variacionista que envolvem o uso desses segmentos.

Chaves e Melo (2009) realizaram estudo sobre a variação do /λ/ em bairros de Rio Branco (AC). Os dados foram obtidos por meio de aplicação de questionário fonético-lexical e de entrevistas sociolinguísticas. O *corpus* foi formado por setenta e dois informantes distribuídos igualmente por sexo, faixa etária e escolaridade, e após codificação, foram realizadas rodadas no Varbrul (2000) para produzir os índices estatísticos e probabilísticos de variação. No estudo em questão foram analisados apenas os fatores linguísticos envolvidos na variação do /λ/.

Segundo as autoras, o processo de despalatização constitui-se um fenômeno fonético no qual o segmento lateral palatal perde sua característica palatal. A variação do /λ/ no Acre se reveste de grande importância, pois foi possível detectar as variantes utilizadas pelos informantes, e ao mesmo tempo, evidenciar quais são as variáveis linguísticas responsáveis pelo condicionamento desse fenômeno no dialeto rio-branquense. Assim, as variáveis contexto antecedente (fator vogais /ó, ô/) e contexto subsequente (fator vogais /ã, a/), com pesos relativos, respectivamente, (0.60) e (0.81) foram selecionadas como influenciadoras da regra por elas analisada; além dessas variáveis, a tonicidade da sílaba também foi controlada, e o fator sílaba tônica, com peso relativo de (0.60), mostrou-se relevante para permanência do segmento lateral palatal no dialeto rio-branquense. Ainda segundo as autoras, a despalatização do /λ/ ocorre com mais frequência entre falantes não escolarizados e oriundos de regiões não urbanas (CHAVES; MELO, 2009).

Brandão (2007) realizou o estudo da variação do /λ/ na variedade popular de treze comunidades do Rio de Janeiro sob a ótica da Sociolinguística Variacionista. Nessa pesquisa, os setenta e oito informantes, todos são masculinos, residentes em áreas rurais ou semiurbanizadas, analfabetos ou com no máximo quatro de escolaridade e distribuídos por três faixas etárias.

De acordo com Brandão (2007), as variáveis condicionantes das variantes são: de [l], o contexto subsequente e a presença da nasal palatal no vocábulo; de [j], o contexto antecedente, a localidade, a faixa etária e a tonicidade da sílaba; e, que, a partir da distribuição dos dados, chegam-se a dois padrões básicos de variação idioletal: o primeiro, não marcado socialmente, e o segundo, marcado socialmente, representados, respectivamente, pelas variantes [λ] e [l] quando seguidas de [i] e/ou [lj], e no segundo grupo, [j] e a [l] diante de vogais diferentes de [i].

Quednau (1993) estudou o /l/ na fala de informantes de regiões do Rio Grande do Sul e constatou que a variante vocalizada [w] é a mais frequente entre os metropolitanos do que a forma velarizada [ɮ]. A vocalização do /l/ é praticamente categórica na capital gaúcha (com peso relativo de 0.95) e no interior e fronteiras é pouco recorrente. Esses resultados podem explicar a relação capital x interior ao se pensar no comportamento dessa variável. Também, para a autora, as variáveis sexo e faixa etária não foram relevantes para o condicionamento da regra em análise.

Dal Magno (1998) analisou, também, o comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país, os dados foram oriundos da transcrição da fala de 96 informantes, estratificados por grupo étnico, idade, escolaridade e sexo. As variantes encontradas foram: semivocalizada [w], nas capitais, e velarizada [ɫ] e semivocalizada [w] nas demais regiões. Segundo a autora, quanto maior é a escolaridade do informante, mais frequente é a vocalização de /l/ e que os informantes mais idosos demonstraram ser mais conservadores: usam mais a velarizada [ɫ], 70%, em posição contrária estão os informantes mais jovens, com 20%. Ainda, segundo a autora, o Paraná realiza mais a variante vocalizada que o Estado de Santa Catarina e que as variáveis linguísticas importantes foram: sílaba tônica para a variante [w], palavras com duas sílabas e contexto fonológico precedente para /l/ com as vogais [u], [ɛ] e [o].

Na próxima seção, apresenta-se a fundamentação teórica deste trabalho.

3 Fundamentação teórica

As pesquisas variacionistas de cunho laboviano ganharam maior repercussão a partir dos trabalhos pioneiros em duas comunidades de fala: na ilha de Martha's Vineyard, ao estudar o processo de monotongação dos ditongos /ay/ e /aw/, demonstrando que a centralização destes ditongos tem uma motivação social; e em Nova York, ao pesquisar a estratificação social de /r/ nas lojas de departamentos dessa cidade (LABOV, 1966, 2008 [1972]).

A contribuição de Labov está em defender que o componente social constitui fator central para a explicação a existência de fenômenos sociolinguísticos e fonético-fonológicos em qualquer comunidade de fala. Neste sentido, as categorias sociais como sexo, idade, nível de escolaridade, local de origem, atitude positiva ou negativa, dentre outros, são restrições que condicionam a forma de falar. Além do mais, posteriormente, percebemos que os estudos sociolinguísticos lançam mão do uso de modelos quantitativos para explicar a probabilidade de aplicação ou não de uma regra variável X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Bortoni-Ricardo (1996) aponta que o desenvolvimento e expansão dos estudos sociolinguísticos, sejam nas vertentes variacionista, etnográfica ou interacional se apoiaram em pressupostos testados empiricamente em diferentes investigações alicerçadas em três premissas centrais que possibilitaram o surgimento da Sociolinguística como macroárea interdisciplinar no interior das teorizações da Linguística: são, elas, a saber: a evolução do conceito de relativismo cultural, a heterogeneidade linguística inerente e a forma e função linguística em relação dialética.

Reconhece-se que longo foi o percurso realizado pelos estudos linguísticos que possibilitou o florescimento e consolidação da concepção de língua como realidade eminentemente social.

Assim, entende-se que ocorre um salto de qualidade: a língua que “é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008 [1972]) saiu de uma circunscrição de análise imanentista; ou, uma competência internalizada, como também, da visão neogramática e comparativista para ser estudada em contextos reais de usos sociolinguísticos. Desse modo, Labov saiu da Linguística *a-social* e propõe a Linguística Social.

Reconhece-se, particularmente, que esse salto reside no fato de os estudos sociolinguísticos e do próprio Labov em apontar que “a língua não se ‘localiza’ na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falante” (MENDES, 2013, p. 113). Assim, Labov consegue superar o longo caminho central da teoria linguística invariável ao propor um modelo capaz de explicar as diferenças dos elementos não universais e a variação linguística nas línguas naturais.

Na seção seguinte, descreve-se o desenho metodológico deste trabalho.

4 Corpus e metodologia

A descrição e análise dos dados foram feitas da realização de trinta e seis entrevistas sociolinguísticas realizadas por Freire (2011; 2016), respectivamente para /λ/ e /l/, sendo todos os falantes entrevistados oriundos da mesma comunidade fala (Jacaraú-PB). O *corpus* está igual e socialmente estratificado por sexo (dezoito informantes masculino e dezoito feminino), nível de escolaridade (doze analfabetos, 1 ou 3 anos; doze, 4 a 8 anos; doze, com + 8 anos); e faixa etária (doze informantes com 15-25 anos); doze, 26-49 anos; e doze com +49 anos).

A seleção dos informantes seguir dois critérios norteadores: ser natural da cidade pesquisada ou nunca se ter ausentado por mais de que 2 (dois) anos dela.

Após as entrevistas, as ocorrências das variantes foram codificadas e submetidas ao pacote de Programa do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o qual forneceu o peso relativo que foi tomado como parâmetro de aplicação ou não das regras variáveis analisadas.

Na próxima seção, serão descritos e analisados os dados.

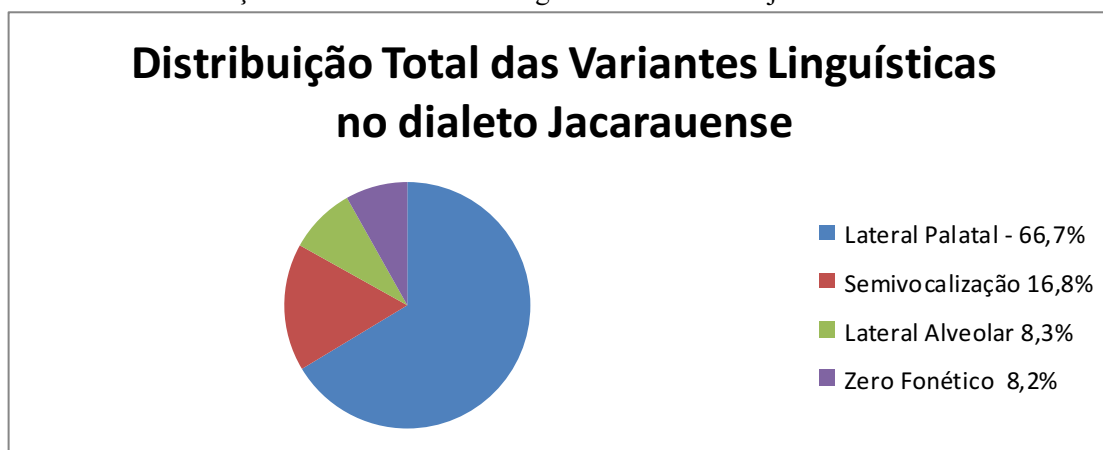
5 Descrição e análise dos dados

Nesta seção, realizamos a descrição e a análise dos dados coletados. Para tanto, apoiamo-nos em índices fornecidos pelo Programa Goldvarb X e nos princípios da Teoria da Variação de cunho laboviana. No primeiro momento, o foco da descrição e da análise recai sobre a variável /λ/; já, na segunda parte, voltamos nossa atenção para a variável /l/.

Variável /λ/

Uma vez submetidos os dados ao Goldvarb X, foram registradas 1463 ocorrências, sendo que 976 são de aplicação da variante lateral palatal /λ/, o que dá um total de 66,7% de aplicações, contra as 487 não aplicações restantes, respectivamente, 33,3%.

Gráfico 1: Distribuição total das variantes linguísticas no dialeto jacarauense



(Fonte: própria do autor, 2019).

A distribuição das variantes no *corpus* coletado, de acordo com o gráfico 1, corresponde aos seguintes valores numéricos, em termos de ocorrências:

- Lateral palatal:** 976 ocorrências – 66,7% (em palavras como: “milho”, “trabalhando”, “melhor” [mi/λ/o, traba/λ/ando, me/λ/or];
- Semivocalização:** 251 ocorrências – 16,8% (alguns exemplos de palavras do *corpus* são: “trabalhar”, “molho”, “velho” [traba/j/ar, mo/j/o, ve/j/o];

- c) **Lateral alveolar:** 121 ocorrências – 8,3% (em palavras como: “mulher”, “olhe”, “folhinha” [mu/l/er, o/l/e, fo/l/inha];
- d) **Zero fonético:** 115 ocorrências – 8,2% (alguns exemplos de palavras do *corpus* são: “filho”, “filha”, “milho” [fi/Ø/o, fi/Ø/a, mi/Ø/o]).

Verificamos que, de acordo com o gráfico 1, ocorre na comunidade investigada o predomínio da variante [λ], mas, também, constatam-se outras formas alternativas co-ocorrendo.

Os fatores selecionados pelo Goldvarb X como condicionadores para aplicação da regra variável da lateral palatal /λ/, por ordem de relevância, foram: Sexo; Escolaridade; Faixa etária; Contexto Fonológico Seguinte; Contexto Fonológico Precedente; e Número de Sílabas do Vocábulo.

Nos parágrafos seguintes, apresentamos os resultados estatísticos fornecidos pelo Goldvarb X e analisamos à luz da teoria variacionista. No primeiro momento, voltamos a atenção para as variáveis extralinguísticas e, em um segundo momento, para as variáveis linguísticas.

Variáveis extralinguísticas

A variável sexo foi a primeira variável extralinguística a ser selecionada pelo Goldvarb X como favorecedora de aplicação da regra em análise, conforme demonstra a tabela 1:

Tabela 1: Efeito da variável *sexo* sobre a variação da lateral palatal /λ/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|------------------|------------------------------|---------------|
| Masculino | 514/889 = 57% | 0.41 |
| Feminino | 462/574 = 80% | 0.63 |
| Total | 976/1463 = 66% | |

Input 0.72

Significância: 0.285

Percebe-se, na tabela 1, que a variável sexo exerce condicionamento sobre o uso variável da lateral palatal /λ/, contando-se alguma vantagem por parte das mulheres em relação à aplicação da regra.

Os resultados encontrados nesta pesquisa, com relação à variável sexo, ratificam os resultados encontrados pelo estudo de Oliveira e Mota (2007) sobre a lateral palatal /λ/ em inquéritos do Projeto ALIB, nos quais há a preferência pela manutenção do /λ/, fato revelado principalmente na fala das mulheres.

Tabela 2: Efeito da variável *escolaridade* sobre o uso variável da lateral palatal /λ/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|------------------------------------|------------------------------|---------------|
| Analfabetos | 187/510 = 36% | 0.16 |
| 1 a 8 anos de escolaridade | 538/634 = 84% | 0.73 |
| + de 8 anos de escolaridade | 251/319 = 78% | 0.62 |
| Total | 976/1493 = 66% | |

Input 0.72

Significância: 0.285

De acordo com a tabela 2, os informantes sem nenhuma escolaridade são os que menos realizam o segmento lateral palatal / λ /, informação confirmada pelo índice (0.16), que expressa o não favorecimento da aplicação da regra. Essa informação corrobora também com a análise de Chaves e Melo (2009) acerca da despalatização de / λ / na fala urbana de Rio Branco. No estudo em questão, as autoras afirmam que a realização da variável / λ / como lateral alveolar [l], como semivogal [j] ou como zero fonético [Ø] é mais frequente entre falantes não escolarizados e oriundos de regiões não urbanas.

Entende-se que a escola atua como força de standardização da língua e a sua ação configura-se como institucionalizadora no sentido de exercer controle dos processos variáveis existentes na língua. Pelos resultados encontrados, nesta pesquisa, pode-se reconhecer que ela está funcionando como o gatilho de controle, visto que todos os informantes escolarizados são os que mais produzem o segmento considerado padrão - o fonema / λ /, em oposição aos informantes analfabetos que realizam mais as variantes consideradas não-padrão, respectivamente, [l], [j] e [Ø].

Os índices estatísticos exibidos na tabela 2, com relação ao fator *analfabetos*, vêm ratificar os estudos Aragão (2008) e, que mostram que os processos de despalatização, a iotização e o apagamentos das consoantes palatais estão relacionadas ao grau de escolaridade dos informantes, e desse modo, constitui-se um fenômeno de variação social.

Tabela 3: Efeito da variável *faixa etária* sobre a variação da lateral palatal / λ /

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|--------------|------------------------------|---------------|
| 15 a 25 anos | 279/366 = 76% | 0.70 |
| 26 a 49 anos | 240/302 = 79% | 0.61 |
| + de 49 anos | 457/795 = 57% | 0.36 |
| Total | 976/1463 = 66% | |

Input 0.72

Significância: 0.285

Na tabela 3, podemos observar que o uso do segmento lateral palatal / λ / é bem mais elevado nos falantes de faixas etárias entre 15 a 25 anos e de 26 a 49 anos e decresce entre os falantes com mais de 50 anos (0.36). Pode-se supor: os falantes dessas duas faixas etárias são os que estão ingressando no mercado de trabalho ou são os que já ingressaram e pretendem permanecer nele. Assim, as exigências do atual mercado de trabalho se fazem sentir no uso da variedade linguística considerada padrão que, no caso desta pesquisa, consiste no uso da lateral palatal / λ /.

Alguns trabalhos (como por exemplo, LUCENA, 2004; FREIRE, 2011) têm atestado que a variável faixa etária exerce influência no uso da língua. Neste sentido, pode-se reconhecer que as formas variantes ganham significado social por serem representantes de um determinado segmento social (WARDHAUGH, 2010).

Agora, passemos para descrição e análise das variáveis linguísticas.

Variáveis Linguísticas

O Contexto Fonológico Seguinte foi o primeiro fator linguístico (interno) a ser selecionado pelo Goldvarb X como favorecedor de aplicação da regra.

Tabela 4: Efeito da variável *contexto fonológico seguinte* sob a variação da lateral palatal /ɺ/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|---------------|------------------------------|---------------|
| Vogal coronal | 155/286 = 54% | 0.34 |
| Vogal dorsal | 318/503 = 63% | 0.44 |
| Vogal labial | 503/674 = 74% | 0.61 |
| Total | 976/1463 = 66% | |

Input 0.72

Significância: 0.285

Os índices apresentados na tabela 4 indicam que a aplicação da regra variável decresce em contexto seguido por vogal labial, vogal dorsal e vogal coronal, respectivamente. Esses mesmos índices estatísticos confirmam a hipótese de que o segmento /ɺ/ entre contextos vocálicos dorsais, coronais e labiais varia.

A partir do que está exposto na tabela 4 e, na seguinte (tabela 5), observa-se que os contextos estão sendo definidos pelas variantes [l, j] e seus respectivos traços fonológicos. Com relação ao contexto fonológico seguinte, o traço [labial] das vogais favorece a manutenção da lateral palatal em detrimento dos traços [coronal] e [dorsal] que apresentam índices que indicam a não aplicação da regra variável em estudo. Já, com relação ao contexto fonológico precedente, ocorre o contrário: os traços [coronal] e [dorsal] expressam favorecimento para manutenção do segmento /ɺ/ e o traço [labial], como fator desfavorecedor.

Os achados desta pesquisa vêm ratificar o estudo Aragão (2008). Segunda a autora, essa variável foi controlada como vogal labial e o peso relativo produzido para esse segmento apresenta índice que indica o favorecimento de aplicação da regra (0.61). Esse mesmo resultado, no entanto, vai ao encontro do resultado obtido por Chaves e Melo (2009), visto que para essas autoras, as vogais baixas oral e nasal [a, ã] são favorecedoras da permanência do segmento /ɺ/ na fala dos informantes por elas examinados.

Tabela 5: Efeito da variável *contexto fonológico precedente* sob a variação da lateral /ɺ/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|---------------|------------------------------|---------------|
| Vogal labial | 136/249 = 54% | 0.34 |
| Vogal coronal | 430/528 = 68% | 0.54 |
| Vogal dorsal | 410/586 = 70% | 0.51 |
| Total | 976/1463 = 66 | |

Input 0.72

Significância: 0.285

Os índices exibidos na tabela 5 mostram uma ligeira tendência da presença das vogais coronais (*brilhante, melhor, filhos, orelha*) e dorsal (*trabalhando, trabalhar, esmigalhar*) no contexto fonológico precedente como favorecedora do uso do segmento /ɺ/, embora os pesos relativos tenham ficado bastante próximos do ponto neutro, respectivamente, (0.54) e (0.51). Os achados de Brandão (2007) também indicam que o contexto fonológico precedente,

especificamente o fator vogal alta com peso relativo (0.62), foi selecionado pelo Goldvarb X como fator que exerce influência sobre o uso da regra aqui estudada.

Tabela 6: Efeito da variável *número de sílabas* do vocábulo sob a variação da lateral /ɺ/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|--------------------------------|------------------------------|---------------|
| Monossílabo e dissílabo | 374/623 = 60% | 0.42 |
| Polissílabo | 140/224 = 62% | 0.48 |
| Trissílabo | 462/616 = 75% | 0.58 |
| Total | 976/1463 = 66% | |

Input 0.72

Significância: 0.285

Os índices estatísticos da tabela 6 indicam que os falantes jacarauenses preferem realizar a lateral palatal /ɺ/ em vocábulos que tenham três sílabas (*espelho, malhação, quadrilha, pavilhão*; por exemplo) em detrimentos das palavras monossílabas, dissílabas e polissílabas. Essa afirmação é corroborada pelo índice bem maior dos vocábulos trissílabos (0.58), em relação ao dos outros dois fatores que se mostram abaixo do ponto neutro para aplicação da regra, apresentando índices inibidores de aplicação.

Nos próximos parágrafos, apresentamos a descrição e análise da variável /l/ pós-vocálica.

Variável /l/

Passemos à descrição e à análise dos dados envolvendo a variável /l/. Assim, após a submissão das ocorrências ao Goldvarb X, obteve-se o resultado exibido na tabela 7.

Tabela 7: Distribuição Geral de /l/ pós-vocálico no *corpus* pesquisado

| Variantes | Total/Percentual | Exemplos |
|-----------|------------------|---------------------------------|
| [w] | 1464/77.8% | fa[w]ta, tota[w]mente, leg[w]. |
| [Ø] | 396/21.1% | qua[Ø], cu[Ø]tura, ju[Ø]gar |
| [r] | 10/0.5% | “ba[r]cão, vo[r]ltei, a[r]moço. |
| [ʎ] | 10/0.5% | “Mil;” mi[ʎ]. |
| [j] | 1/0.1% | “Balcão”; ba[j]cão. |

(Fonte: Própria do autor).

Verificamos, também, que a variante linguística [w] é a mais recorrente nos dados, porém há um processo de variação envolvendo essa forma linguística. Este processo envolve variável social e linguística ao mesmo tempo. Nos próximos parágrafos, descreveremos e analisaremos o processo de variação envolvendo o uso de /l/ pós-vocálico. No primeiro momento, nossa atenção se volta para a variável social e, no segundo momento, para as variáveis linguísticas que condicionam esse processo de variação.

Variável social

A única variável social selecionada pelo programa estatístico Goldvarb X como fonte de condicionamento para o uso de /l/ pós-vocálico, na variedade paraibana, foi o nível de escolaridade dos informantes. A tabela 8 apresenta os resultados numéricos alcançados referentes a essa variável.

Tabela 8: Efeito da variável nível de escolaridade do falante sobre o uso de /l/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|-----------------------------|------------------------------|---------------|
| Analfabetos, 1 a 3 | 552/659 = 83.8% | 0.61 |
| 4 a 8 anos de escolaridade | 464/599 = 77.5% | 0.48 |
| + de 8 anos de escolaridade | 448/623 = 71.9% | 0.40 |
| Total | 1464/1881 = 77.8% | |

Input 0.899

Significância: 0.866

Ao observar-se a tabela 8, verifica-se que o fator analfabetos, 1 a 3 é favorecedor da aplicação da regra variável em discussão, ao apresentar o peso relativo de (0.61) como elemento influenciador do uso do fonema alveolar /l/ na posição de coda silábica na variedade paraibana.

Estes resultados estão em consonância com outras investigações empreendidas por estudos dialetais, como, por exemplo Sá (2007), que também analisou o /l/ e constatou que tanto a variante vocalizada [w] quanto à forma apagada [Ø] ocorrem independente do sexo, da faixa etária e do nível de escolaridade dos falantes.

Verifica-se que há um contexto fonológico favorável para a realização dessa variante, conforme assinala Lucena (2014): é um fenômeno que ocorre em margem (coda) da sílaba; ou, como aponta Pedrosa (2014), essa é uma posição de debilidade ou fragilidade e, assim, favorece o apagamento de segmentos ou, ainda, está relacionado com o que apontam Collischonn e Quednau (2008), ou seja, é um fenômeno motivado pela estrutura silábica.

Variáveis Linguísticas

O programa Goldvarb X selecionou como variáveis linguísticas importantes no condicionamento do uso do segmento /l/, por ordem de relevância, as seguintes variáveis: Contexto fonológico precedente (anterior); Contexto fonológico seguinte (posterior); Tonicidade; Classe de palavra dos vocábulos; e Número de sílabas dos vocábulos.

Tabela 9: Efeito da variável contexto fonológico precedente sobre o uso de /l/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|---------------|------------------------------|---------------|
| Vogal Coronal | 281/376 = 74.7% | 0.34 |
| Vogal Labial | 112/347 = 32.3% | 0.50 |
| Vogal Dorsal | 1071/1158 = 92.5% | 0.75 |
| Total | 1464/1881 = 77.8% | |

Input 0.899

Significância: 0.866

Verifica-se que, de acordo com a tabela 9, o fator vogal dorsal, com peso relativo de (0.75), constitui a restrição influenciadora da aplicação da regra variável em análise.

As elevadas frequências entre os fatores vogal coronal e vogal labial podem estar provocando um enviesamento desses resultados e que merecem ressalvas quanto à confiabilidade da seleção estatística. Assim, associam-se os resultados da tabela 9 à alta frequência e distribuição de itens lexicais, tais como “pessoal, alguma, faltar”,

respectivamente, com 67, 58 e 54 ocorrências; enquanto, que as ocorrências envolvendo os fatores vogal labial e coronal exibiram distribuição por diferentes vocábulos que não atingiram percentuais altos, como nos itens, respectivamente, “julgar” com 6 ocorrências ou “voltado” com 8 ocorrências, e “papel” com 10 realizações e “impossível” com 3 em todo *corpus*.

Estes achados estão em sintonia com outros estudos variacionistas que também abordaram o uso de /l/ pós-vocálico (HORA, 2006; SÁ, 2007). De acordo com essas investigações, a presença da vogal dorsal /a/ constitui uma restrição condicionadora; por outro lado, as pesquisas empreendidas por Moura (2009), além de constatarem que a vogal central favorece a aplicação da regra, como também, a vogal média baixa anterior /ε/.

Percebe-se, ainda, que a vogal dorsal [a], selecionada como restrição favorecedora de manutenção de [w] em oposição às demais variantes encontradas, e a vogal posterior [u] há certo distanciamento na configuração fonológica. Assim, ocorre a tendência em preservar a forma vocalizada. Verificando a tabela 9, percebe-se que há a gradiência proposta por Hora (2006), uma vez que a vogal posterior [u] está com índice de peso relativo de (0.50), uma probabilidade neutra estatisticamente, enquanto que as vogais coronais com (0.34). Reconhece-se que o traço [-alto] da vogal [a] se mostrou relevante para condicionar uso da forma vocalizada de /l/.

Tabela 10: Efeito da variável contexto fonológico seguinte sobre o uso de /l/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|----------------------------|------------------------------|---------------|
| Oclusiva Velar Vozeada | 140/160 = 87.5% | 0.53 |
| Oclusiva Dental Desvozeada | 180/228 = 62.5% | 0.63 |
| Nasal Labial | 185/190 = 97.4% | 0.77 |
| Total | 505/638 = 33.9% | |

Input 0.899

Significância: 0.866

A tabela 10 descreve os resultados do efeito da variável contexto fonológico seguinte para aplicação da regra variável de /l/ pós-vocálico. Percebe-se que há três contextos fonológicos favorecedores do uso da variante [w] na variedade paraibana, apesar de que um dos fatores apresenta índice de peso relativo muito próximo do ponto neutro. Assim, neste estudo, a consoante nasal labial /m/, com traço [labial], com peso relativo de (0.77), seguida de consoante [coronal], e /t/, com peso relativo de (0.63), constituem restrições favorecedoras de uso da variante [w].

Todavia, reconhece-se que a seleção e os pesos relativos da tabela 10 não são de natureza completamente confiáveis estatisticamente. Desse modo, são necessárias ressalvas ao se considerarem estes resultados. Assim, por exemplo, só para a consoante oclusiva velar vozeada /g/, no item a[w]guma foram constatadas 58 ocorrências; para nasal labial /m/, no vocábulo principa[w]mente, 38 exemplos e para a oclusiva dental desvozeada /t/, em fa[w]tar, foram contabilizadas 54 ocorrências.

Esta realidade pode se tornar ainda mais explicativa quando se verificou que no *corpus*, em determinados contextos, foram observadas baixíssimas realizações, como por exemplo, no caso da oclusiva bilabial desvozeada /p/, com apenas 3 (três) ocorrências, preenchendo o contexto fonológico seguinte de /l/: cu[w]pada, cu[w]pa, cu[w]pados.

Além do mais, constata-se, ao observar as ocorrências, que a presença do segmento labial se dá em contextos muito específicos, os quais podem estar contribuindo para a

manutenção da forma vocalizada. Assim, por exemplo, são realizações encontradas no *corpus* que ilustram esses contextos: gera[w]mente, principa[w]mente, fina[w]mente, rea[w]mente, tota[w]mente, anua[w]mente dentre outras; e em termos de frequência, o contexto que envolve a nasal labial /m/ foi apontado na quarta posição, perdendo, respectivamente, para o segmento /t/, a pausa e /g/; já, em termos percentuais, alcançou 97.4% de aplicação em 185/190 em todo o *corpus* analisado.

Neste sentido, associando o contexto específico, itens lexicais formados com o advérbio terminado em *mente* e a alta frequência destes vocábulos no *corpus*, assume-se que estão agindo como restrições condicionadoras dessa variante, conforme atesta Sá (2007) ao afirmar que palavras sufixadas, na fala vernacular, tendem a sofrer o enfraquecimento de /l/ e, assim, realizarem-se como [w], o que não acontece nas palavras sem sufixos.

Tabela 11: Efeito da variável tonicidade sobre o uso de /l/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|---------------|------------------------------|---------------|
| Sílaba Tônica | 925/1030= 89.8% | 0.68 |
| Sílaba Átona | 539/851 = 63.3% | 0.28 |
| Total | 1464/1881 = 77.8% | |

Input 0.899

Significância: 0.866

De acordo com a tabela 11, verifica-se que o fator sílaba tônica, com peso relativo de (0.68), é exibido como o elemento favorecedor do uso da variante [w] em detrimento do fator sílaba átona, que exibe índice desfavorecedor de aplicação.

Estes resultados são corroborados com os achados de outros pesquisadores (DAL MAGNO, 1998; HORA, 2006; SÁ, 2007), que indicam a sílaba tônica como restrição favorecedora da aplicação dessa regra variável e distanciam-se dos apresentados por Collischonn e Quednau (2008) e Moura (2009), que apontam a sílaba pretônica como fator influenciador dessa mesma regra. Mesmo assim, percebe-se que a formulação de uma restrição por fidelidade posicional mostra-se relevante, uma vez que silábicas pretônicas são, hierarquicamente, superiores às átonas.

Assim, entende-se que o acento fonológico constitui um elemento que favorece a permanência dessa variante, porque requer um maior esforço para produção e articulação e, desse modo, possibilita a realização dessa forma variante, uma vez que a sílaba que porta o acento fonológico ocupa hierarquicamente a posição mais alta no vocábulo; assim, o traço [+Acento] favorece a manutenção de [w], enquanto que o traço [-Acento] propicia a realização das outras variantes.

Tabela 12: Efeito da variável categoria dos vocábulos sobre o uso de /l/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|---------|------------------------------|---------------|
| Nomes | 1324/1675= 79.0% | 0.47 |
| Verbos | 140/206 = 68.0% | 0.70 |
| Total | 1464/1881 = 77.8% | |

Input 0.899

Significância: 0.866

A tabela 12 apresenta os resultados do efeito da variável classe de palavras dos vocábulos sobre o uso de /l/ pós-vocálico, na variedade paraibana. Constata-se que o fator verbos, com índice probabilístico especificado em peso relativo de (0.70), sendo apontado como restrição interna favorecedora dessa regra em estudo, em detrimento do fator nomes, que exibe peso relativo (0.47), desfavorecedor de aplicação.

Os resultados da tabela 12, também, são considerados com ressalvas. Verifica-se que a elevada frequência do fator nomes pode estar provocando um enviesamento no entendimento da seleção estatística feita pelo Goldvarb X. Afim de explicar melhor estes achados, realizou-se o cruzamento entre as variáveis tipos de vocábulos e número de sílabas do vocábulo, porém os resultados não foram significativos, pois os percentuais produzidos pelo programa exibiu índices de 87% e 88% entre verbos dissílabos e nomes dissílabos.

Estes resultados estão em sintonia com os achados de Sá (2006) que, ao investigar a realização dessa regra variável, também verificou que o fator verbos é o fator de maior favorecimento de realização dessa regra.

Tabela 13: Efeito da variável número de sílabas dos vocábulos sobre o uso de /l/

| Fatores | Aplicação/Total = Frequência | Peso Relativo |
|--------------|------------------------------|---------------|
| Dissílabos | 648/782 = 87.5% | 0.62 |
| Polissílabos | 241/363 = 66.4% | 0.49 |
| Trissílabos | 407/572 = 71.2% | 0.45 |
| Monossílabos | 132/164 = 80.5% | 0.19 |
| Total | 1464/1881 = 77.8% | |

Input 0.899

Significância: 0.866

Na tabela 13 pode-se perceber que os itens lexicais que têm duas sílabas, foram considerados pelo Goldvarb X como o fator mais importante para aplicação da regra em estudo, com peso relativo de (0.62). Neste sentido, na variedade linguística analisada, a permanência de [w] é favorecida em itens lexicais que tenham duas sílabas em detrimento dos que têm apenas uma, três ou mais sílabas.

Porém, reconhece-se que é necessário fazer ressalvas em relação à confiabilidade da seleção estatística descrita na tabela 13, porque há certo enviesamento nos dados. Para solucionar este desvio, primeiro realizou-se o cruzamento entre variáveis, mas os resultados não foram satisfatórios; em seguida, procedeu-se com amálgama de fatores da variável número de sílabas, contudo o programa não selecionou essa variável nas novas recodificações.

Compreende-se que estes resultados estão de acordo com o que propõe a abordagem da massa fônica (HORA, 2006), ou seja, a quantidade de matéria sonora que constitui cada vocábulo e, na qual está o segmento fonológico em análise, contribui para a manutenção, apagamento ou substituição de segmentos. Assim, e, de acordo com o que exibe a tabela 13, o tamanho dos itens lexicais está influenciando diretamente no uso da variante [w], sobretudo, porque o fator monossílabo, sendo constituído pelas palavras que contêm a menor massa fônica, é justamente o que mais favorece o apagamento, uma vez que exibiu o menor índice de peso relativo (0.14), seguido, respectivamente, pelos outros dois fatores que também exibem pesos relativos desfavorecedores da regra variável em estudo.

6 Considerações finais

Neste trabalho descrevemos e analisamos o comportamento fonético-fonológico e sociolinguístico de /λ, l/, seguindo o modelo proposto pela Teoria da Variação (LABOV, 1963, 1966, 2008 [1972]), e identificamos os fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso desses segmentos na comunidade de fala investigada.

Nossos resultados corroboram com o que tem proposto a Sociolinguística, ou seja, que os usos linguísticos feitos por qualquer comunidade de fala estão condicionados por restrições internas e externas, especificamente, para as variáveis estudadas neste trabalho, verificamos que o uso /λ/ apresentou certa equiparação entre os fatores pesquisados no que referem ao condicionamento; enquanto que para o uso de /l/ foi verificado estatisticamente maior condicionamento dos fatores linguísticos em detrimento dos fatores sociais.

Desse modo, podemos observar que a distribuição e uso dos fenômenos sociolinguísticos podem seguir caminhos diferentes.

Referências

- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará. *In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). Estudos Geolinguísticos e Dialectais Sobre o Português: Brasil/Portugal. Campo Grande - MS: UFMS, 2008. p. 181-200.*
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O debate sobre a aplicação da Sociolinguística à Educação. *In: BRANDÃO, S.; INDIANI, M.T. (org.). Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições da Sociolinguística ao Ensino. Simpósio do GT de Sociolinguística da ANPOLL, 1996. p.17-30.*
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. *Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, set. 2007.*
- CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. A despalatização /λ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC). *In: XIII do CNFL, 2009, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.*
- COLLISCHONN, Gisela; QUEDNAU, Laura Rosane. Variantes da lateral pós-vocálica na região Sul: o papel das variáveis linguísticas envolvidas. *In: VIII Encontro do CIRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL. Porto Alegre: CELSUL, 2008. p. 377-378.*
- DAL MAGNO, Diane. O comportamento de /l/ pós-vocálico no sul do país. *Working Paper Linguística, n. 1, p. 31-44, 1998.*
- FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba).** Dissertação (Mestrado em Linguística/Programa de Pós-Graduação em Linguística- Proling), João Pessoa: UFPB, 2011.
- FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação, Estilo, Atitude e Percepção Linguística: o caso das Laterais /λ/ e /l/ no Falar Paraibano.** Tese (Doutorado em Linguística/Programa de Pós-Graduação em Linguística- Proling), João Pessoa:), UFPB, 2016.
- HORA, Dermeval da. Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006.*
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV. The social motivation of sound change. *Word, n. 19, p. 273-307, 1963.*
- LABOV. **The social stratification of English in New York.** Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LUCENA, Rubens Marques de. Comportamento Sociolinguístico da preposição para na Paraíba. *In: HORA, Dermeval da (org.). Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade. João Pessoa: Editora Pallotti, 2004. p. 83-97*

- LUCENA, Rubens Marques de. Consoantes. *In*: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (org.). **Introdução à Fonologia do Português Brasileiro**. 2 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 93-125.
- MENDES, Ronald Beline. Língua e Variação. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013. p. 111-135.
- MOURA, Adriano Carlos de. **Comportamento da lateral pós-vocálica em posição de coda no falar tocantinense**: uma análise variacionista. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística/Proling, João Pessoa, UFPB, 2009.
- OLIVEIRA, Dijeane de Almeida Lima de; MOTA, Jacyra Andrade. As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). *In*: **III Seminário de pesquisa em Estudos Linguísticos e III Seminário de Pesquisa em análise de Discurso**. Vitória da Conquista. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2007. p. 153-156.
- PEDROSA, Juliene L. Ribeiro. Sílabas. *In*: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (org.). **Introdução à Fonologia do Português Brasileiro**. 2 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 71-91.
- QUEDNAU, Laura. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho**: análise variacionista e representação não-linear. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali e SMITH, Eric. **Goldvarb X**. Computer program. Departamento of Linguistics, University of Toronto, Canadá. Disponível em: http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm. Acesso em: 15.04.2011.
- SÁ, Edmilson José de. **Variação do /l/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife: UFPE, 2007.
- WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. 6 ed. Wiley-blacwell, 2010.

Recebido em 20/07/2019

Aceito em 12/08/2019